

UNIVERSIDADE ESTADUAL VALE DO ACARAÚ - UVA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO - PRPPG

XXV ENCONTRO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA
XVIII ENCONTRO DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO

PRÁTICAS E VIVÊNCIAS DA CORPORIEDADE DE MULHERES NEGRAS NO ESPAÇO ESCOLAR

Autor(es): Ana Geísa Almeida da Silva¹; Ivaldinete de Araújo Delmiro Gêmes²

¹ Mestranda em ensino de sociologia pelo Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional – PROFSOCIO pela Universidade Estadual Vale do Acaraú – UVA; e-mail: geisa2200paz@gmail.com; ² Professora doutora da Universidade Estadual do Acaraú – UVA; e-mail: ivaldinetedelmiro@gmail.com;

Resumo: O trabalho trata uma pesquisa de dissertação de mestrado que teve como objetivo analisar a relação de jovens estudantes negras e não-negras com o processo de transição capilar na perspectiva da aceitação ou negação dos aspectos que compõem a identidade negra na Escola de Ensino Médio Maria Marina Soares, localizada no município de Guaraciaba do Norte/CE. Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicação de questionário on-line onde elas relataram suas experiências no processo de construção de suas identidades. Aspectos como a discriminação, preconceito e racismo fazem parte do nosso cotidiano e afetam diretamente a vida da população negra, em especial às mulheres, que constroem a materializam a imagem do “belo/bom” e do “feio/ruim” em virtude de uma sociedade que apresenta padrões de beleza baseadas na cultura da branquidade, fruto do processo colonialista.

Palavras-chave: Transição Capilar, Identidade, Mulher Negra, Racismo, Escola.

INTRODUÇÃO E OBJETIVO(S)

Refletir sobre a relação entre corpo e cabelo na perspectiva da população negra é compreender que esses corpos são atravessados por conflitos internos e externos resultantes da prática do racismo que muitos negros e negras sofrem ou já sofreram no decorrer da vida causando-lhes cicatrizes profundas. Em virtude disso, podemos inferir que as subjetividades e identidades desses sujeitos são socialmente construídas em torno de uma relação bifurcada, pois “o negro tem duas dimensões. Uma com o seu semelhante e outra com o branco. Um negro se comporta de modo diverso com um branco e com outro negro.” (FANON, 2020, p.31).

Nesse sentido, essa perspectiva criada em torno da imagem do “outro” tornou-se objeto de desejo para a população negra, resultado do processo colonizador e legitimada por meio dos padrões eurocêntricos, que afetaram de forma violenta os corpos negros, mas principalmente à mulher negra. Desse modo, a problemática dessa pesquisa buscou compreender quais os impactos gerados nas subjetividades das mulheres negras, em destaque para as jovens estudantes da Escola



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

Maria Marina Soares e como isso afeta a construção de suas identidades, em virtude que elas já passaram por inúmeros procedimentos estéticos em seus cabelos crespos e cacheados como alisamento, escova definitiva, selagem capilar etc.

Sabe-se ainda, que a identidade da mulher negra na sociedade contemporânea traz vestígios de um contexto histórico-colonial discriminatório, sexista e principalmente racista, são inúmeras as situações que presenciamos numa tentativa de deprimir seus traços físicos que representam um marco da identidade étnico-racial do negro no Brasil. Neste sentido a identidade aparece como um fenômeno humano que é construído de acordo com as particularidades e dimensões de cada grupo ou comunidade e com historicidade dos sujeitos no âmbito dos processos sociais. Sobre isso nos revela Bauman (2003) ser como uma busca:

Uma vida dedicada à procura da identidade é cheia de som e de fúria. “Identidade” significa aparecer: ser diferente e, por essa diferença, singular – e assim a procura da identidade não pode deixar de dividir e separar. E, no entanto, a vulnerabilidade das identidades individuais e a precariedade da solitária construção da identidade levam os construtores da identidade a procurar cabides em que possam, em conjunto, pendurar seus medos e ansiedades individualmente experimentados e, depois disso, realizar os ritos de exorcismo em companhia de outros indivíduos também assustados e ansiosos” (2003, p. 21).

Stuart Hall (2006), nos fala de identidade numa perspectiva de sociedade pós-moderna ao afirmar que estamos diante da era das grandes transformações e mudanças, assim “o sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor do “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas [...]” (2006, p. 13), complementando a fala de Bauman, acima enunciada. Dessa maneira, a compreensão e autoafirmação da identidade da mulher perpassa sob influências externas socialmente construídas e estereotipadas.

Os estereótipos são um conceito comumente explanado nas aulas de Sociologia no Ensino Médio, denominado através das generalizações feitas com uso de prejulgamento geralmente atrelado ao senso comum são os exemplos mais visíveis. Neste contexto, em que a discussão sobre o preconceito racial se faz necessária na escola essa temática segue uma dimensão legal a partir das OCNS (2006, p.121) ao dizer que “temas podem ser acrescentados ao programa como: questão racial, etnocentrismo, preconceito, violência, sexualidade, gênero, meio ambiente, cidadania, direitos humanos, religião e religiosidade, movimentos sociais, comunicação de massa, etc” compreendidas como temas transversais na Sociologia, entretanto, a questão racial não trata-se apenas de uma ideia comum, mas científica também importante dentro do ensino médio.

Partir da hipótese que a transição capilar seria condição necessária para o processo de autoafirmação da identidade da mulher negra na contemporaneidade é refletir acerca da imposição de uma ideologia dominante branca, capitalista produzida pelo sistema patriarcal que contribuiu e ainda contribui na manutenção do racismo. Nesse sentido, a rejeição aos traços físicos considerados indesejados, fortalece a cultura do branqueamento e impõe à mulher negra um modelo estético de beleza padronizado por meio do alisamento. Sob a apresentação desses aspectos trarei os seguintes questionamentos, entre eles: como alunas negras lidam com a sua aparência/estética dentro do espaço escolar? De onde elas partem para o início do processo de transição capilar e/ou que inspirações/aspirações as trouxeram para chegar à transição? ou ainda, que significado, se é que existe para elas, o cabelo crespo ou cacheado traz?

MATERIAL E MÉTODOS

Para a realização da pesquisa foi utilizada a abordagem de caráter qualitativo. Para Haguete (1997, p. 63), os métodos qualitativos “ênfatizam as especificidades de um fenômeno em termos de suas origens e de sua razão de ser”. Assim, para coletar os dados, procuramos utilizar algumas técnicas ou etapas fundamentais para a pesquisa com as estudantes negras: observar, ouvir, dialogar, registrar e escrever.

Entre os recursos utilizados fizemos uso de entrevistas semiestruturadas para que as estudantes negras pudessem compartilhar suas experiências e vivências acerca da maneira como se relacionam com seus cabelos crespos/cacheados em um cenário marcado pelo racismo que sofreram e/ou ainda sofrem. De acordo com Haguete (1997, p.88), a técnica da entrevista permite aos pesquisadores a percepção que “as afirmações de natureza subjetiva estão sempre imersas em reações que devem ser legadas em conta: o estado emocional do informante, suas opiniões, suas atitudes, seus valores.”

RESULTADOS E DISCUSSÃO - GRÁFICOS (Opcional)

À vista do desenvolvimento da pesquisa encontramos relatos das jovens estudantes negras na escola que se assemelham entre si diante das práticas racistas que já tenham sofrido ou presenciado resultantes na sociedade pós-colonialista. Segundo Almeida (2021), esse tipo de racismo é mantido pela discriminação existentes entre as raças, a constatação torna-se clara pois basta procurar entre os altos cargos de poder público seja na política ou na magistratura a presença da população negra e reconhecer que estão em número relativamente menor ou quase zero, os privilégios tinham destinatários certos e de pele branca.

CONSIDERAÇÕES FINAIS ou CONCLUSÃO

Diante disso, é importante ressaltar que o estigma social sempre esteve presente, esta marca tornou a população negra historicamente inferior e desprovida das oportunidades, deste modo homens, mulheres e crianças, todas foram atingidas pelas desigualdades sociais, discriminação e racismo. Destarte, acredito que através da pesquisa por meio do conhecimento sociológico produzido entre me, professora, e as estudantes mulheres negras na sala de aula foi possível desconstruir a concepção subjetiva dos padrões estéticos de beleza socialmente construídos, bem como desnaturalizar o racismo por vezes reproduzido no ambiente escolar.

AGRADECIMENTOS

A Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) através da oferta do Mestrado Profissional de Sociologia em Rede Nacional (PROFSOCIO) junto a associada Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA), pela oportunidade em aprofundar meus estudos de maneira gratuita e com qualidade.

A minha orientadora, Prof^ª. Dra. Ivaldinete de Araújo Delmiro Gémes, pela partilha de conhecimentos, profissionalismo e conselhos na construção desse trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio Luiz de. *Racismo estrutural*. Silvio Luiz de Almeida. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

BRASIL. *Parâmetros Curriculares Nacionais: Ensino Médio/ Ciências Humanas e suas tecnologias*. Ministério da Educação: Brasília, 2006.



UNIVERSIDADE ESTADUAL
VALE DO ACARAÚ

Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação - PRPPG



CEARÁ
GOVERNO DO ESTADO
SECRETARIA DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA
E EDUCAÇÃO SUPERIOR

BOURDIEU, P. (dir.). *A Miséria do mundo*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000. 530p. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, v. 2)

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. São Paulo: Ubu Editora, 2020.

HAGUETTE, T.M. *Metodologias qualitativas na sociologia*. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1995.

HOOKS, B. (2005). *Alisando nosso cabelo* (L. M. Santos, trad.). Revista Gazeta de Cuba – Unión de escritores y artista de Cuba. Disponível de <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>. Acesso em: 19. Jul. 2021.

SANTOS, Géssica Brito. *Os processos de negação da memória e identidade negra em “A Máscara” de Grada Kilomba*. Revista Ibero – Americana de Humanidades, Ciências e Educação – REASE. São Paulo. v.6, n.12, dez/2020. Disponível em: <https://www.periodicorease.pro.br/rease/article/view/519/275>. Acesso em: 20. Jul. 2021.

SILVA, A. et al. *Sociologia em movimento*. 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2016.